

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

MATIAS VILARDAGA ESCOREL

Festa do Tutano

São Paulo
2025

MATIAS VILARDAGA ESCOREL

FESTA DO TUTANO

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Artes Visuais,
apresentado ao Departamento de Artes Visuais da Escola de
Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Mario Celso Ramiro de Andrade

São Paulo
2025

Nome: Matias Vildardaga Escorel

Título: *Festa do Tutano*

Aprovado em: ____ / ____ / ____

Banca:

Nome: _____

Instituição: _____

Nome: _____

Instituição: _____

Nome: _____

Instituição: _____

Agradeço à minha mãe, meu pai, minha irmã, meus avós, meus amigos e professores.
A todos que me acompanharam e ajudaram durante esse longo e bom processo.

Trata-se aqui de uma série de pensamentos, de textos escritos ao longo de um processo que consistiu, também, em trabalho plástico. Pinturas, esculturas, desenhos. Durante um ano, colecionei e registrei esses delírios, enigmas. Muito mais perguntas do que respostas, a despeito do caráter afirmativo das passagens. Surgiram interrogações e fantasias, alguns projetos e desejos, e, neste sentido, o texto que apresento se constitui num elenco de aporias transformadas em aforismos. Tento produzir imagens mediante as palavras, isto é, traduzir as imagens internas em letras. Na verdade, acredito que ocorrem em concomitância, na cabeça, as imagens e as palavras, as ideias. Ideia parece ser, então, algo que pulsa e que saltita e pisca e subsiste nestes dois estados linguísticos, num mais visual e em outro mais intelectual, ou talvez mais sonoro, já que em muitas das vezes pensamos as palavras ditas, os verbos. Vejo o presente trabalho como depósito e acúmulo, tarefa posterior de organização de uma consecução de elaborações ideais e vontades de fazer e resolver, tentativas de entender.

1.

Miolo mole da estrutura dura, recheio gelatinoso da matéria arcabouçal, rija, fibrosa. Da terra fecunda e deletéria nasce o homem, a besta, o ser, surge o bicho. Brota do barro ou pulsa do caldo. Terra lodosa e alagada, radioativa, campo tóxico, fértil e insalubre, gerador das massinhas carnudas e pérfidas, membrosas, que brotam do solo e cujas extremidades se alongam, pulsam e deslocam-se impetuosamente. Os seres têm cabelinhos e sapatinhos. Acontece a existência a partir da sopa substanciosa e nutritiva, da selva fértil e hostil, do vazio inóspito e luminoso, latejante. Relâmpago fulminante que incide sobre e agita o líquido rico, o fluido grosso e fermentado.

2.

Haverá no presente texto um embaralhamento entre retrospectivas, projetos e meditações. Lançarei, aqui, ideias e imagens. Consistências tão próximas, estas. Imagino o mundo como sistema maciço de ondas, o tempo como esta profusão de movimentos e como circuito extenso e corpulento de comunicação primitiva, o real como bloco massudo e substancioso configurado por cintilâncias obsessivas e compulsivamente reflexivas, terreno de saltos e ressonâncias, construído pelas articulações entre partículas e corpúsculos. Há o movimento e as quantidades, há a substância. Fabulo um começo, um ponto primo, fundamental e focal, de onde tudo vem e que tudo gera e fornece. Deus e morte, contornos da vida. Venero o santo fantasma e o fruto massudo, o resto e o resultado do processamento do panteão, a colisão geradora de gosma homogênea e amorfa de todos os deuses, o olimpo mastigado e transformado em bolo. Tudo existe e tudo é ser.

3.

Montagem de dispositivo que permita diálogo com o morto, máquina de comunicação com o fantasma, de inserção do cadáver em jogo, de deslocamento entre sistemas, tradução. Sistema de comunicação póstuma. Captação de energia do corpo em decomposição e tradução destes sinais emitidos em movimento reconhecível e catalogável, linguístico. Dá-se um corpo submetido à operação de cremação em pira funerária, de onde são lançados fogo e fumaça, e entregues, estes, posteriormente no circuito, a câmbio e à passagem em direção a mecanismo produtor de sons discerníveis e determináveis. Ritmo, batuque.

4.

Emerge o humano do mito, da massa gordurosa. As substâncias de dentro movem as de fora, há ímpeto excêntrico e pulsante, alongador das extremidades, e não existe nada além de reflexão e reciprocidade, dialética. Os jogos e as línguas fundam, os nomes estabelecem o eixo. O milagre da forma e a construção de vínculo entre movimentos de campos distintos. O recipiente é a ordem e a ordem é o acúmulo, que é a mais plena previsibilidade. Controle e prisão. Aqui interessa dissertar sobretudo a respeito do que concerne às pulsões da vida, especialmente no jogo tenso entre cultura, atributo distintivo, e selvageria. O movimento antagônico, do caos, diz respeito à perda, à falta de controle, à fuga, justamente. O sistema ideal não permite vazamento, é absolutamente azeitado, de modo a não deixar que o trabalho interno se perca a circuitos exógenos. No entanto, só há a profusão de circuitos vários e díspares e relacionados entre si, de sorte que um interfere no outro, e é esta mesma interferência que gera novos sistemas e que transforma. Impulso de conservação e de permanência.

5.

A busca se dará primordialmente em direção aos motores centrais e nucleares da experiência e dos gestos humanos, no sentido do que há de mais simples e infraestrutural, a saber, os estados de espírito fundamentais, os deuses basais. Inexoráveis são a vida e a morte como os mistérios unos, como as duas grandes chaves. E a partir destes geradores de campo desenvolvem-se uma série de complexidades e de movimentos posteriores. O real como bloco de tempo substancial, e de espaço, portanto, de ambos intrincados e meras nomenclaturas artificiais, compositores entretecidos da verdade singular e homogênea. A perspectiva será sobretudo material, dado o atributo implacável do físico, inescapável. Os conceitos se dão mediante suas qualidades e quantidades materiais, o ordenado é sólido e o caótico não, de fato. O recipiente precisa assumir determinada forma e definida configuração para executar sua função. As ambiguidades existem.

6.

Forma, estrutura e imagem. Abertura e encerramento. É quase imponderável uma existência anterior à da luz, e tão inalcançável é o surgimento dela mesma, o início do calor, do movimento. Tudo como colossal e opulenta pedra opaca, ou como vácuo escuro e inóspito. Recheio inerte e estanque ou ausência completa. Em ambos os casos o tudo é nada.

7.

Uma pedra movida, ela mesma, em sua integridade, na velocidade da luz, torna-se a própria substância brilhante e etérea, desintegra-se, muda completamente de estado e deixa de ser pedra. De maneira semelhante, se interna e superficialmente, isto é, em suas vísceras e miolos, porém de modo que permaneça estacionado, o mesmo objeto receber absurdo e extremo agito, transforma-se em pura emissão luminosa, em massa de pleno calor. A imagem pulsa. Imagem é matéria interna impressa pelos jatos impetuosos, superfície carregada e atacada pela bola flamejante. É dizer, então, que luz é rajada fulminante e soberanamente agressiva de acúmulos corpusculares, massa ultrarrápida de grânulos vigorosos e excessivamente agrupados e impulsionados da maneira mais excêntrica.

Da massa conflituosa emerge a luz mensageira, emissária e coletora. Rios e riachos, bacias férteis, terrenos irrigados, venosos. O campo é constituído por ondas e cálculos. Em dado momento, talvez já no primeiro, surge a sensibilidade, os corpos são inerentemente sensíveis, agem e reagem, respondem aos estímulos e recebem impressões. Há, me parece, portanto, uma sensibilidade primitiva, formas de linguagem e de memória intrínsecas à própria existência das coisas, dos elementos e do tempo. Se há existência e presença na dimensão volumosa do real, há também relação, uma vez que não existe a solidão de fato, e a interação entre forças e movimentos é o componente básico que precede qualquer maneira posterior de comunicação. A vida é mero desenvolvimento natural das potências e tendências fundamentais da matéria, e o mesmo pode-se dizer da cultura, que é, em suma, transformação coerente de um estado de coisas que derivam de uma matriz. O tempo, mesmo, é forma, e não há abstração e nem existência, por mais ideais e etéreas e sublimes que possam ser, que não consistam em forma, que não possam ser traduzidas em imagem. Configura-se o binômio da experiência viva e sensível: expressão e impressão. Inevitavelmente, se há corpo e movimento, habitantes de um terreno construído pelos próprios ocupantes, isto é, o próprio espaço é existência física e sujeito, há também o tecido linguístico e integrador das articulações e disputas entre os objetos. Não há neutralidade: a saber, a neutralidade é uma atribuição do espírito, um esforço, uma operação e um faz-de-conta, uma fantasia humana, embora isso também não a destitua de verdade. As superfícies e membranas, películas, que são os anteparos e os limites entre um e outro, os limiares da diferença, os fins, são justamente as substâncias da mediação, receptoras e emissoras, plenamente onde se executam a aparência e os sinais, os símbolos, concernentes ou não aos atributos internos.

9.

A cultura parece ser justamente o desafio da tensão limítrofe entre morte e vida, isto é, a muito grosso modo, o impulso cultural soa como teste e resolução da tensão de superfície que define a vida em relação à morte, e, assim, a fraqueza, a efemeridade, o mistério do sonho e das imagens e dos espíritos. Bem como, no mesmo caminho, a expressão do jogo aparenta ser frenética oscilação e piada fúnebre lançada através dos saltos entre interno e externo, entre o território do espírito e o domínio do comum, iluminado e atmosférico, dado que ambos os planos são feitos dos mesmos materiais e ocupam o mesmo e único, singular, campo do real. Urge a fruta no tabuleiro, o cacho no palco. O mistério cutuca, córneo e diabólico, crescente. Reprodução da forma humana. Autorreprodução ou maneiras assexuadas de reproduzir, que não passam pelo circuito biológico tradicional, genital. Dissipação e particulosidade. Há o bobo, a fruta e o jogo. A loucura funda. O caos gera o cacho. O grande mistério é a ordem.

10.

Placas tectônicas que imitam a aparência do tecido, do véu, feitas de concreto, presas à parede e ligadas a um mecanismo que as move, também, à maneira dos panos esvoaçantes. Tudo muito pesado e bruto. Escultura de nuvem feita de barro ou de pedra gigante. Novamente, também, letras esculpidas em grandes rochas pesadas, monolíticas, caracteres ultrarrobastos. Montar atmosfera e campo cênico, pendurar nuvens massudas de algodão ou de outro material mais corpulento.

10.

Pensar sempre na relação entre visível e invisível, entre material e imaterial. E muito mais num sentido de aproximação, de maneira que o intangível seja também considerado físico, e menos de distinção. Isto é, importa aqui, em suma, atribuir valor de massa e de peso, de força, ao vaporoso e ao fantasmagórico, ideal, compreender o luminoso ultrarrápido como substância. Creio que a diferença essencial entre os campos se dê especialmente em termos quantitativos de velocidade, de movimento, e portanto de tempo. Vincula-se intrinsecamente o quantitativo ao qualitativo, de modo que as qualidades sejam também configuradas justamente pelos valores de quantidade, bem como pela maneira de organização e configuração no espaço, pela posição e pelas formas de relação. A luz só não é concreta porque é ultraveloz. Se não fosse, seria pedra. As ambiguidades concernentes à matéria e ao espírito também interessam. Sempre reforçar as semelhanças e equivalências entre o interno e o externo, embora haja os limites. Pesquisar as substâncias dos limites e dos elos. Coisa é ideia e ideia é substância.

11.

Teia viscosa de porra luminosa. Cordão de leite, a vida baba, cintilante. A cabeça, o erótico e o religioso, o animal. Decomposição e preservação. Símbolos mórbidos: cruz e espada, ambivalência. Fusão vida-morte: vulcão, raio. Disparadores. Origem e destino, colisão, encontro, encruzilhada. Passagem e travessia, canal. Gênese e escatologia.

12.

É prazeroso imaginar a situação anterior ao registro perene. A reprodução, tal qual a técnica, caminha em direção à previsibilidade e à durabilidade. O movimento antecipa qualquer outra condição e os fenômenos justapostos operam de maneira a montar a estrutura tragicômica do real e a percepção humana complexifica o paradoxo do tempo, os raios e trovões e erupções derivam ou de uma explosão primordial ou de uma catarrada ou de uma sugada, de um buraco. É possível separar, também, em dualidade, em outros termos, as tendências basais da verdade, em assimilação e expulsão, em acúmulo ou dispersão em eterna coexistência e oscilação. São os modos relacionais básicos da matéria, que se diferenciam sobretudo em quantidade, uma vez que a qualidade parece ser configurada por distintas quantidades posicionadas em pontos díspares.

13.

A tensão da experiência humana concernente à cultura se dá precisamente, penso, no elo radical entre deus e animal, entre a previsibilidade completa do universo, a onisciência, e a pura imanência do presente, do instinto imediato do desejo. Se de um lado há um impulso direcionado, então, à definição, ao desenho de tudo que existe, de todos os movimentos do início ao fim, em todos os lugares possíveis, ao mapeamento mais amplo e complexo que possa haver, à faculdade mnemônica mais absurdamente vasta e completa, existe, também, em posição antagônica, um ímpeto bestial e sangrento, animalesco, cuja capacidade dá conta apenas da satisfação das vontades mais súbitas e urgentes, que diz respeito aos prazeres mais suculentos da carne, hedonistas e cutucantes e que fazem cócegas nos órgãos e miolos. Há o sublime e o grotesco, há o choque entre eles, as sobreposições e fusões, e as diferentes formas de manifestar o sagrado. São expressões distintas de deus que é pleno projeto e exemplo, justamente, estado de espírito a ser seguido de modo a mobilizar estado de coisas e sonho de mundo. Deus é personagem.

A potência cultural situa-se primordialmente no âmbito da fantasia. As festas e ritos emulam movimentos metafísicos recônditos, profundamente interiores, isto é, dinâmicas corpusculares, organizações espirituais e psíquicas, circunscritas ao território das células e moléculas, ou aos sistemas astrais, planetários, cósmicos, ao externo elevado à máxima distância, reduzido à imagem extremamente simplificada e abstrata, vaga, misteriosa. A manifestação técnica e artificial, portanto, parece ser maneira de elaborar o oculto, hermético, presença latente e vagamente acessível, então de acionar o vazio, de lidar com a morte, com a ausência, ou de interpretar e reagir ao que se situa muito longe, interna ou externamente. Imolação e suicídio, veneração. Presságio e premonição, vidência. Inscrição e sacrifício. Todo e qualquer movimento, orgânico ou não, é linguagem, dado o regime humano, e passível de ser interpretado e decodificado, como se houvesse um logos promotor de sentido em tudo. Todo desejo pode ser decifrado. A saber, portanto, qualquer aparição implica em algum deslocamento anterior, significado então por esta situação derivada, e em também alguma posição e em alguma ordem futura, assim como, a depender da força dos fenômenos presentes, determinada constelação de eventos pode implicar em alguma configuração atual ou projetada, lançada no tempo, ou até antiga. Os eventos encontram-se inerentemente entretecidos e dizem respeito, necessariamente, um ao outro. O rosto e a face como representação do espírito ancestral.

Há uma aranha em cada canto superior do cômodo, em cada vértice, em cada encruzilhada. No começo havia uma, que posteriormente se multiplicou. Os campos se expandem, as teias ampliam-se conforme o tempo passa e o movimento do universo ocorre, implacável. Música compõe a atmosfera, preenche o espaço, configura o campo, música instrumental, concerto de piano e violino, dramático, solene. Incrições nas paredes, marcas, sulcos e ranhuras, vestígios. Nuvens rochosas e pedras vaporosas, fantasmagóricas, envolvidas por um halo fumacento, e a névoa pesada, rígida, fibrosa e metálica, opaca. Espelhos refletem a luz. Macaco da penumbra. Mamilos pontiagudos. Tabuleiro de vetores.

16.

Incorro em digressão, deságuo na terra do leite e do mel. Charneca pedregosa e hidratada, crocante e irrigada pelos meandros caudalosos e proteicos, gordurosos e cremosos, nutritivos. Planície viva e doce. Terra lamacenta e verdejante, tão fértil quanto insalubre. Na prática do escafismo, punitiva, o penitente era compelido à tortura de ser amarrado em canoa, banhado e excessivamente alimentado e empanturrado de uma mistura de leite e mel, para que, consequentemente à decomposição e putrefação do material, fosse comido por insetos e larvas, vermes. Me impressiona como dois elementos tão simbólicos e significativos, biblicamente, inclusive, no que diz respeito à fertilidade e à pulsão de vida, reprodutiva e construtiva, podem também assumir categórica ambivalência e desviar em direção a um sentido grotesco e profundamente destrutivo, sinistro, mórbido, e passar a representar uma potência maligna e sádica de último grau, com requintes de ironia precisamente em função desta contradição. A materialidade relativa à condição humana se dá estritamente pela tangibilidade e pelo contorno, a inacessibilidade pelos sentidos principais da subjetividade torna o objeto instantaneamente imaterial.

17.

Roupa e adereço, indumentária, vestimenta. A obstrução da genitália e a constituição da vergonha como princípios fundamentais da própria cultura, a saber, estratégias linguísticas, recursos artificiais, subterfúgios técnicos. A negação de determinados dados enquanto um código em si, manobra permissiva, uma vez que mediante o ocultamento de determinados elementos direciona-se o foco do olhar a outras saliências e expande-se todo um campo outrora coadjuvante, secundário. É dizer, então, que difunde-se e fragmenta-se um signo específico, potente e central, em outros diversos que passam a operar, de certa maneira, como representantes. Dispersa-se um valor em uma série de atributos orbitantes.

18.

Épico patético, o drama da decadência cômica, a tragédia da ascensão inescrupulosa e constrangedora, sublime caricatura da trajetória icaresca. A apoteose da corrupção, da decomposição. Casulos e múmias, fósseis, restos da decomposição, remanescentes. Terno pendurado e recheado de gordura, de banha de porco. Fogueiras e buracos, montes. Casa de joão-de-barro e cupinzeiros, formigueiros, caroços, nódulos e acúmulos de matéria. Pilhas. Imagens dos corpos das coisas que existem. Fantasma reluzentes e o olhar da carne. Cosmologia maniqueísta: Regiões do reino do mal: Trevas, lama, vento, fogo e fumaça. Matéria é má e o espírito é bom. Demiurgo é o construtor do reino dos corpos, o elaborador do caos matérico, e deus é anterior e absolutamente imaterial, espiritual, e cria do nada, ex nihilo. Inteligência da mente em oposição aos sentidos da carne.

19.

Fundar religião e construir templo. Erguer vilarejo, procurar terreno adequado para tal. Forças colossais como sinais cósmicos, como matéria de presságio e de profecia, como decifráveis e centelhas milagrosas. Isto é, portanto, há, a princípio, algum caldo rico e energeticamente potente que exige que algum catalisador o dispare, o desencadeie. Bomba.

Sobretudo quando a vasta rajada luminosa oriunda do gordo e flamejante rei celeste atravessa a atmosfera de maneira direta e a desvela, torna-se possível a observação dos habitantes do ar, da miríade de insetos e partículas voadoras que circulam e pairam os arredores das folhas e flores das árvores. Torna-se visível a profusão de corpúsculos e elementos, poeiras de cheiro, sinais de toda ordem, emissões pulverizadas e todo o sistema de comunicação que se dá mediante vontades distintas de mobilidades díspares, impulsionadas por desejos reprodutivos, tão aniquiladores e malignos quanto construtores e amistosos, sempre impulsionados pela paixão mais animalesca e vertiginosa. A viga de luz que revela os microscópicos animais, sanguinários e polinizadores, em vigoroso enxame que se relaciona com os frutos e flores das plantas. Os pequenos bichos viciados, motorizados, em comunhão demoníaca e em violenta intimidade com os vegetais, de modo que ambos se implicam e se transformam grotesca e profundamente, numa série de procedimentos mnemônicos e miméticos, da linguagem, geradores de devir e de sistema azeitado de vida imperfeita e sublime. A comunicação, aí, portanto, como eixo nuclear e promotor nojento e bizarro da evolução, mesma, e da manutenção da existência em função do tempo.

21.

Elementar é a relação entre interno e externo, que se dá justamente em função do limite. Limite, este, que é pura superfície. Trata-se então de definição entre substâncias e anteparo, delimitação de fronteira entre territórios, não mais artificiais e arbitrários, e sim constituídos pela presença mesma das coisas e elementos. A imagem funda-se mediante um sistema de reflexão e absorção, impressão, em que os próprios fatores e partículas operam enquanto barreiras geradoras ou de continuidade ou de fim, e sempre de transformação e desvio. A imagem enquanto ideia e palavra, signo linguístico, no entanto, desenha-se em virtude da distância, isto é, em oposição ao corpo ou como deslocamento deste. O corpo define-se em razão, precisamente, da tangibilidade da coisa, do acesso por meio do toque, é acessível, de fato, às faculdades sensoriais da superfície. A imagem, por sua vez, é composta pela penetração de matéria exógena nos domínios do interior de modo a agir e criar registro sobre plano interno, sensível, assimilador, mas não menos superficial, uma vez que há cadeia profunda e profusa de superfícies justapostas elaboradoras do real, existentes em função da própria teia de relações. Toda imagem é corpo, mas a distinção conceitual surge através da distância.

22.

Espaço onde há uma caixa de som revestida por alguma massa escultórica similar a uma boca, de maneira que o barulho pareça emitido pelo órgão representado. Exoesqueleto enganador, maquiagem e jogo de cena. Os fios que transportam a energia elétrica que abastece a caixa são expostos e exagerados, e vinculados, aparentemente, também, a algo que pode ser um caixão ou um sarcófago ou um buraco ou uma fogueira ou uma pira funerária. O motor da boca, ou da caixa, é a decomposição, a morte, parece ser, engana. A música é atmosférica e sublime e dramática, sinfônica, música de orquestra, erudita, de concerto, com violinos e pianos e de alta complexidade sonora em termos de camadas e miudezas, de quantidade de instrumentos e tipos de som. Tudo será decorado e enfeitado, a porta de entrada para a sala será recoberta de algum tipo de material de modo a configurar alguma espécie de moldura. O corpo cremado ou em processo de putrefação poderá estar inserido em uma sorte de caixa que isola, que o protege, e que contenha e concentre o trabalho da degeneração. Construção cênica, ambiente.

23.

Hei de cavar buracos, pendurar sacos e acender fogueiras. Farei vasos e urnas funerárias, os colocarei na sala, no cenário. Comporei situação cerimonial e lapso temporal, bolha abstrata no espaço, lugar isolado, cápsula de vácuo preenchido e ideal, sistema onírico, imagem de evento, de momento em algum local na história conjecturada, no real do sonho, no intervalo da fantasia, na janela, horizonte superficial, tensionado.

24.

Há a terra alagada, lamacenta, lodosa, de onde nascem os corpos. Campo radioativo, mórbido. O domínio do apocalipse é o mesmo que o da origem, isto é, procura-se a tensão entre o primeiro e o último, o local basal, a paisagem fundadora e escatológica. É dizer, portanto, que o Éden ou as planícies primas e unas, soberanamente abstratas, muradas, são o mesmo território que a superfície onde tudo acaba, nesta fantasia, o lugar dos vulcões e onde aterrisam os anjos mórbidos, meteóricos.

O choro dos figos e os anjos como partículas de deus, do cristo cósmico, pulsão extensa de poder divino. A unção e o brilho, a oleosidade. Deste modo, a gordura como material profundamente simbólico e característico de uma moral tão específica quanto universal e atemporal. O despejo, portanto, de óleo engarrafado e fruto da indústria compulsiva sobre corpos espalhados na sala. A confecção de objetos untados e cristos, e assim hidrofóbicos, impermeáveis. O mesmo campo, habitado pelos seres engordurados tais quais fisiculturistas, é recheado de vapor gerado pela alta temperatura do cômodo, de maneira semelhante a uma sauna, e assim implanta-se uma atmosfera libidinosa, erótica, e sublime, ao mesmo tempo. Rochas monolíticas são estes corpos escorregadios e gordurosos, erigidos no espaço, guardiões do portal da imagem. Desenha-se sistema criador e integralmente contraditório, dimensão do paradoxo permissivo e necessário ao próprio tempo e à vida, mesma, território das virtudes e potências basais, construtoras do universo. O imenso e singular elo proteico entre o espírito e a carne em comunhão una e suprema, dá-se a dimensão que é fibra e liame, o canal que é buraco e que é o grande bloco do real, tão externo quanto interior, tão superficial quanto visceral. Busca-se a colisão fundadora e última. A emergência da explosão que é choque final, e desta forma a soberana ambivalência da experiência humana no mundo.

Cabeças flamejantes despencando do céu como se fossem meteoros, à maneira das estrelas cadentes, dos asteroides frenéticos e danosos. Chuva de meteoros, então, só que, ao invés das pedras massivas, feita de cabeças robustas e pesadas, supersônicas, máscaras mortuárias, o rosto como símbolo primeiro e supremo, associado ao caráter de presságio dos rastros estelares. Transformação de rocha em luz, aqui, em função da distância e do movimento, da velocidade, portanto de noções quantitativas de tempo e espaço, de conta relacional do bloco da verdade. Anjos malignos caindo do campo celeste, do vácuo cósmico, sorridentes, póstumos. Os defuntos descendo das águas de cima, do oceano estratosférico.

Antropomorfização de tudo, dos astros, o sol com rosto, a atribuição de dados faciais à representação de uma série de coisas que não os possuem no real empírico, de modo a aproximar corpos distantes ou a projetar nossa subjetividade em alteridades afastadas e quase inapreensíveis, imponderáveis, maneira de assimilar obscuridades e cintilâncias. O sol dos Teletubbies e o das iluminuras medievais, os deuses humanóides das mitologias e religiões antigas. Deuses e animais. A bestialização nossa e a personificação das entidades desconhecidas. O uso de características reconhecidamente humanas como significantes de materiais recônditos e imateriais, e ideais em virtude de uma intangibilidade que pode se dar mediante o afastamento, mesmo, ou a própria substância impalpável pelo sentido do tato.

É imponderável, nos domínios da razão, qualquer situação em que o humano se faça ausente. No entanto, se me subtraio ao campo racional e me lanço à imaginação, consigo conjecturar a existência de movimento e de formas rudimentares de comunicação, a despeito da sensibilidade humana. As coisas e objetos existem e são vida antes da vida. O sentido e os vetores estavam antes dos organismos, antes da biologia e do conhecimento. Havia e sempre houve desejo. Isto é, existia reprodução e linguagem e troca, disputa, já que procuro destilar o sistema linguístico em rol curto de ações e eventos. Em essência simples, a pura relação entre corpos, e leia-se aqui coisas e objetos fundidos na ideia de corpo, assim como a substância mesma, alguma sorte de subjetividade, de circuito interno e compositor revelado mediante a membrana, projetado em superfície que opera na mediação. Sempre há acúmulo e dispêndio e alguma forma de equilíbrio geral do todo, em termos de matéria disponível, e desequilíbrio setorial, circunscrito, executado um recorte. Há o jogo e há o poder, desde o princípio, e há as semelhanças e diferenças, as afinidades e repulsões. Dada uma análise grosseira dos materiais inorgânicos e minerais, construtores do universo, observa-se justamente um ímpeto próprio dos deslocamentos configuradores da ordem, parece existir uma contínua transformação de tudo do real conforme as interações ocorrem, enquanto as emissões e recepções de sinais, plenamente físicos, são executadas. Não me parece incoerente a existência de sentido primitivo nesse sistema anterior e inapreensível, por suposto uma maneira de significação grotesca e violenta, própria de uma imanência obscura e absolutamente caótica e vulcânica, rochosa e explosiva, mas me vejo diante de um retrato de um circuito muito autônomo e vivo e azeitado, tão lubrificado quanto ruidoso, mas repleto de interesse e desejo, oportunista e pertinaz, obstinado a permanecer e subsistir e se desenvolver. É a luta da própria matéria perante alguma espécie de força antagônica, de maneira a perseverar em processo progressivo de obtenção de eficiência e de poesia.

Como se todo e qualquer movimento fosse um sentido em si mesmo, ele próprio um sentido e um valor, um signo, mesmo sem a interferência e a tutela de uma máquina sígnica cujas operações ocorrem atreladas ao campo da consciência, mobilizador de funções de representação e substituição, sistemas definidores e coesos e onde os trabalhos de atribuição e assimilação de sentido acontecem em razão de um fechamento da própria integridade deste primeiro, deste um eu, e em virtude de uma série de procedimentos de abstração, de modo a montar-se estrutura sofisticada e complexa de linguagem e ideias, sempre em locomoção no elo entre o dentro e fora. Fala-se então do sentido interno ao sujeito e subordinado às existências exteriores, e não de um sistema vigoroso, precisamente, de sentido, porém anterior e permanente, concomitante a essa reprodução grosseira, na verdade, de uma forma de vida que alcança patamares sem precedentes, porém ainda assim muito minúsculos e experimentais, até agora, quando comparados ao desenho amplo do tempo, às linhas luminosas e fantasmagóricas, axiais, do real, em constante fabricação de novas situações e alternativas. É dizer, a linguagem, e na verdade qualquer coisa que pareça criação do homem, ou atributo distintivo deste, é mera cópia e tentativa, sempre, de modelo pré-existente. As rochas e os astros já dialogavam. Agora a conversa entre estes e nós exige trabalho de tradução que desvela-se justamente na nomeação do mistério e dos enigmas, na tentativa de compreender as dinâmicas massivas e longínquas, divinas. A representação parece ser, então, necessariamente um subterfúgio em função de uma limitação do homem em relação à inacessibilidade dos movimentos maiores e mais sagrados, pois mais próximos da criação e do próprio fim, sustentadores do espaço e fornecedores de energia.

Existirá esta sala expositiva, de parede brancas, onde ficará posicionada uma caixa de vidro fechada, de modo a conter, na parte de dentro, uma televisão que reproduzirá a imagem de um corpo cadavérico sendo queimado, emanando fumaça. Desta caixa, e, na verdade, desta televisão, brotarão fios elétricos, condutores, grossos e corpulentos, vários destes, que articularão este recipiente a uma caixa de som, esta, mesma, recoberta por uma escultura que representará uma boca humana, os lábios, os dentes e a língua. Talvez várias caixas acústicas. Portanto, um aparelho televisivo conectado a uma caixa de som, de fato. Em imagem, de maneira ilusiva, um defunto em decomposição crematória, isolado em uma caixa transparente, que funcionará a concentrar e captar e, assim, em transmitir, através dos cabos, a fumaça, ou o resultado do ritual mortuário, ao órgão emissor de som, que nesta fantasia operará como o componente apical do trabalho de tradução de um movimento misterioso, sinistro, em verbo e linguagem reconhecível. O som ainda não me aparece, mas potencialmente uma música atmosférica e vinculada conceitualmente ao sublime e de algum modo também grotesca. Ou batiques ou música erudita. Preciso pensar no áudio. O morto em questão poderá estar oculto e representado por um caixão, um sarcófago, e este o artefato alvo da combustão. Ou até, ao invés do som e da boca, a operação poderá culminar numa mão a mover peças de xadrez, a deslocar as partes de um tabuleiro de jogo.

Imagem, corpo, tempo e morte. Maneiras de lidar com a morte, com o corpo morto. Cremação, queima, pira funerária. Conservação, mumificação, embalsamento. Urna funerária e retrato funerário. Lápide e túmulo, tumba. Buraco, enterramento do cadáver. Cultura sinistra, cultura de morte. Sacrifício, homicídio ritualístico, cerimonial, transformação de corpo morto em signo, em linguagem, forma de comunicação, de troca. Decomposição, putrefação, cinzas. Tempo e pulverização, e perda, entropia e difusão. Caverna. Pena de morte e tortura. Imagem como a coisa do morto e como a película da vida. Perenidade e efemeridade. Pira, buraco e salmoura, necrópole. Travessia rápida e explosiva. Masturbação. Fertilização, inseminação. Chamado, rogo, súplica. Pedido, desejo. Sinal, profecia, presságio. Mensagem cósmica. Comunicação astral e terrestre, sagrada.

Ergue-se a pira. Monta-se a estrutura, são empilhadas as madeiras, as toras, as vigas, os paus, as tábuas, os pedaços de lenha e de árvores mortas, a matéria inflamável e carbônica e rígida e estrutural, óssea, arcabouçal. Que sustenta. Lança-se a chama, acende-se a construção. São coletados os galhos e os componentes que servirão em montar aquele mecanismo, aquele dispositivo de disparo, de transformação, de violência última. E isso em vista de uma contemplação coletiva daquela ação, daquele gesto, daquele momento. Em razão de uma comemoração, de um rito, de uma situação cerimonial catártica e festiva, de uma meditação grupal, de uma comoção em reunião. É feito o ritual de maneira a impressionar e de articular uma série de sujeitos envolvidos ali na comunidade, na vila. Tortura e sacrifício. Embarcação, nave. Estrutura içada a fim de ultrapassar, de realizar a última aventura. Templo. Morrer e cozinhar, morrer e comer. Preparar. Adequar corpo passado para situação posterior, póstuma. Fazer o morto atravessar assim como se faz a comida.

Fogo da fogueira, do lampião, que ilumina, que queima. Que consome, que gasta. Que sublima. Plasma. Fogo que aquece, que é luz. Da lareira, do sol, do coração, do fogão. Fogo que cozinha, que transforma, que prepara, que abastece. Que gasta e come combustível. Fogo que é pura e plena instável urgência, impermanência prima e fundadora. Fogo que derrete. Calor que é núcleo, que pulsa, que lateja, que expande, que exala, que faz suar. Que excentra e exprime, extroverte e brota. Fogo que brota. Que é última matéria primeira. Que é deus, que gera. Fogo impetuoso, basal, soberano. Raio que faz fogo. Relâmpago que desce e cai do céu e da nuvem e do vaporoso sobre a terra, sobre o sólido, sobre a carne, e faz nascer fogo, cria. Fogo que mata. Energia e trabalho e movimento absurdamente intensos e carregados e caóticos e imprevisíveis e pulsantes que incidem e transferem sobre algo ordenado a perturbação. Fogo da vela, do incenso. Fogo que catalisa, que dispara, que promove, que permite. Que ultrapassa. Que confunde e que locomove. Fogo do coração. Chama que incendeia, que arde, que dói. Centelha, fagulha, isca. Fogo que é fantasma, fogo fátuo. Fogo vermelho, amarelo, laranja, azul. Fogo verde. Fogo branco. Tocha, pira. Fogueira funerária. Queima que transcende, que transporta. Fogo que guia. Que mostra caminho. Que abre. Fogo que destrói, que aniquila, que extermina. Fogo que extingue. Fogo que respira. Fogo que representa, que assume forma. Que faz acabar, que libera. Fogo selvagem. Fogo que propulsiona. Fogo da nave, da cruz. Da travessia.

34.

Relação de oposição entre fogo e salmoura, entre queima e conserva. Procedimentos de transformação opostos. Modos diferentes de preparar e entre si contraditórios. Um que opera em função de fazer o objeto atravessar, ultrapassar. Outro que, de fato, suspende e interrompe uma transformação e uma degradação e uma decomposição natural, orgânica, e opera em manter a matéria ali contínua, de alguma maneira. E também o buraco. Há a coisa de esconder, de fazer desaparecer. De sumir com o corpo. Num dos métodos, no entanto, mostra-se mais, no caso da mumificação, embora depois o cadáver seja ocultado. Antes do velamento costuma haver cerimônia coletiva, festa, rito. Coisa do casulo, também. Cria-se invólucro e recipiente enfeitado, decorado. Envolve-se o defunto em imagem, em capa, membrana, película adornada, fabulesca, que representa. Aí manifesta-se o desejo de duração, de permanência no tempo, de perenidade, de manutenção.

35.

Buscar a energia da decomposição de um corpo, seja ela através de organismos fúngicos e bacterianos ou do fogo, da cremação, e traduzi-la e transformá-la em comandos digitais ou analógicos que movam peças de xadrez, por exemplo, mediante uma mão robótica. A ideia consiste sobretudo em reconfigurar os deslocamentos sinistros em novos sistemas inteligíveis, próprios à técnica humana. Ou seja, pode-se fazer com que as operações desagregadoras culminem, também, numa boca mecânica que emita sons discerníveis enquanto palavras. Canalizar e inserir em continuidade comunicativa e mobilizante os deslocamentos expressos na posterioridade da morte de um corpo. Objetivar os agitos e encadear os fluxos das técnicas mortuárias e transcendentais. Fazer com que o trabalho da queima mórbida continue e integre um sistema artificial, de modo a inseri-lo nessa outra linguagem, em outro jogo. Pode ser tudo de mentira, imaginário, visual. Pode ser tudo uma farsa que ilude quem observa.

36.

E a conservação de energia como uma busca pela previsibilidade completa das coisas, como manutenção de um estado específico e como permanência de uma condição de modo que sejamos capazes de prenunciar sem chance de erro a maneira de existir desta num período futuro qualquer, de forma a permitir e estimular uma inalteração completa de uma substância determinada ou de um jeito que isole completamente o movimento de um circuito definido e absolutamente acessível e controlável. Trem fantasma. Transfere-se e modifica-se a qualidade do movimento de um lugar a outro. Cambia-se o meio e, em função da substância destes terrenos díspares, altera-se também a forma do dado que é submetido à passagem, à travessia. Há então a vida, a morte e o jogo. E há a grande cola que tudo liga. Ou o primeiro motor, o peteleco, o disparo. Há o que une e o que move. E o desejo que mobiliza o raio que incide sobre a sopa fundamental, sobre o rico caldo substancioso. Sempre houve comunicação. Tempo é linguagem. Da língua nasce o membro.

37.

Do giro interastral vêm o cordão umbilical e a placenta que ligam o filho à mãe. O beijo e a múmia. Tudo é sinal desde o começo. E as leis da reciclagem e da reencarnação são dados prévios e constituintes da própria configuração do bloco temporal.

Parece haver na ordem das coisas um ímpeto de manutenção que só é dado em função de um movimento oposto e exógeno que o confronta. Sendo assim, não há conservação de nada e só existe jogo de forças em permanente estado de comunicação. Há movimento e, portanto, tempo. A linguagem surge com a própria criação do universo. Primeiro vem o verbo, justamente, o impulso fundamental e original, o empurrão, a explosão. A partir daí os corpos vão interagindo entre si, de maneira que novas configurações e qualidades se desenvolvam em razão das semelhanças e diferenças entre as mais díspares substâncias que se locomovem no espaço. Um percebe e inevitavelmente reage à presença do outro. Só há casualidade e aleatoriedade, uma vez que a complexidade do destino é até agora inapreensível e a sequência de eventos implacáveis é, também, por ora, imprevisível. A técnica ainda não deu conta da infinitude. Mas o fortuito se apresenta como tal e substitui uma inteligência que programa, mediante uma tendência de deslocamento do tempo, a situação e a trajetória das coisas. O louco e o sábio, o profeta. O bobo. Aleluia, abracadabra.

Superfície, em suma e sob a perspectiva mais concreta aqui alcançável, parece ser aquilo que é fundamentalmente tangível e fisicamente intransponível ao homem. É a barreira e o anteparo. Em função do caráter sólido e mais estável e endurecido, perene e intransigente, oferece à experiência humana a possibilidade de registro e de inscrição de canais simbólicos e expansores de campo. Usa-se, portanto, o plano rígido e robusto, arquitetônico, como subterfúgio para aumentar o campo comunicativo e espiritual, existencial. Se algo, num primeiro momento, impede, logo em seguida, ele mesmo, após o desenvolvimento de um desejo técnico e linguístico pulsante, passa a permitir deslocamentos através de outras dimensões, mediante a reflexão e a projeção, por meio de signos que representam e que são iscas convencionadas a gerar discussão e fantasia interna. Abrem-se portais e novos caminhos.

40.

Há de se falar, então, sobre a membrana que veste a camada mais exterior e exposta de um objeto, de um corpo robusto e volumoso, e que de tal maneira afirma uma existência em imagem, ilude o observador. Existe a presença da sentinela que bloqueia a passagem, em tese, mas que o faz de longe, à distância, pois ela mesma é inalcançável. É, portanto, difícil verificar a substância original daqueles corpos vigilantes, habitantes e construtores do purgatório. Permitem a travessia dos aptos, dos que decifram os enigmas ali propostos, esfinges. A verdadeira matéria do tempo parece ser apenas comprovável depois da passagem, quando a aproximação torna-se possível e a película da maquiagem, contornável. Porque aqueles objetos grosseiros e empilhados são adornados e enfeitados a fim de esconder o exercício do grotesco ali em operação urgente, em trabalho incessante e súbito, constante, estável de fato. Há um esforço em atrair e em despertar curiosidade no ser sensível e poroso que testemunha a posição dos guardiões no espaço, na medida em que os traços toscos e rudimentares são cobertos por uma massa colorida e saturada, caricata, que impressiona os mais afastados espectadores.

41.

Cavar buraco, acender fogueira, operação mística, ação com sentido interno, imbuído, intrínseco, gesto que funciona por dentro, trabalho que mobiliza os fantasmas, que serve ao espírito, cavar buraco, cova, depois tapar, o oráculo manda, aconselha, a alguma pergunta o buraco responde, assim como o fogo, a esfinge interroga, o bobo da corte enlouquece, prisioneiros do tempo, o sol arde, o vulcão explode e cospe lava, as placas tectônicas chacoalham, a terra comunica, e amassa, titânica, a estrela cadente anuncia, o vidente decifra os sinais e prenuncia, os magos enfeitiçam, eu imito.

42.

O reflexo, isto é, a imagem externa, espelhada ou projetada, como atestado do espírito, da imagem interna, ou como a origem da própria alma, da morte, das coisas de antes e de depois. Assim como a sombra, neste sentido de testemunho de solidez, de existência e de presença de um corpo físico em relação à luz e às ondas, ao restante dos movimentos, então como partícula do tempo e da malha do real. Espírito como eixo infraestrutural de todo o campo do visível, superficial. Há, portanto, esse tecido anterior à membrana da verdade universal, essa grade imaginária, virtual e oculta, matriz de toda a reprodução subsequente e revelada na posteridade. A saber, a existência de uma imagem empírica, experimentável e comum, pública, acessível por todos, passível de ser assimilada pelos olhos dos outros, desvela um estado anterior à configuração imaginária constitutiva da condição humana, à faculdade e à sensibilidade da imagem do homem e do sujeito, da gente, à imagem ontológica. Antes de haver a potência de ver e de permitir a impressão da luz nos miolos e nas vísceras, na vida, já havia imagem, reflexão e absorção de luz. Portanto esta ambivalência da superfície enquanto portal, do bidimensional como abertura à profundidade, a alguma sorte de canal, de espaço interior, sobretudo em função da convenção da pintura como janela, como passagem de um campo a outro, justamente. Anteparo que é atravessável.

43.

Pensar na relação entre perecibilidade e perenidade, entre conservação e decaimento, entre fim e permanência. E como esses impulsos habitam o humano e a relação com a morte. E nesse lugar, o ritual como uma forma efêmera, na matéria externa, de manutenção de existência interna, de modo a gerar impressão que se fixe com firmeza e que continue em função do tempo. Maneira de marcar com força, de gerar registro profundo e lúdico, fantástico. Múmia simultaneamente como guardião e como portal, a sentinela é tanto o anteparo quanto a passagem.

Hei de, inspirado nas obras e nos remendos e nos chapiscos e rebocos, nas camadas internas e expostas das construções, intervir sobre as paredes brancas dos cenários das galerias. Interromper a neutralidade do branco mediante o acúmulo grosseiro de massa também branca, e cinza, nas superfícies limpas e purificadas do espaço expositivo. Subverter a esterilidade e a sacralidade do vazio convencional, do nada pleno, através de sua própria semelhança, do exagero caótico deste mesmo material, que pode, em determinada ordem, significar a sanidade e a regularidade, a sublime tranquilidade da luz branda. Salientar, portanto, o estado móvel e transitório das coisas em si, e fazer com que a estabilidade do neutro desabe. Esculpir caroços e bulbos no plano branco. Usarei massa corrida, gesso, tinta branca, cal, cimento, argamassa e uma série de materiais de ordem arquitetônica para modelar a atmosfera da sala.

O fantasma do feio, a latente e obscura presença da feiura, incubada e dormente, pois onírica, como bactéria zombeteira. Portanto, justamente a imagem persistente da aparência repulsiva e, neste caso, pitoresca, motivo de representação. A feiura como a antagonista da beleza, e tanto oposição quanto um atributo em si, quanto uma substância autônoma e geradora de reação do belo. Este aspecto, de fato, então, concomitante e compatível com outras potências estéticas, componente do grotesco, do sublime, do belo puro, a feiura onipresente e pulverizada. Vincula-se geralmente o feio ao grotesco, ao caricato. No entanto, observo dados intrínsecos e fundamentais do grosseiro e abjeto em situações sobretudo belas e sublimes, e comprimir um cenário estético numa única categoria me parece sempre simplificação artificial e ignorante. A centelha do feio numa aparência bonita é geradora eficaz de teor de atração, o feio produz precisamente a curiosidade, a estranheza. A associação do feio ao estranho, ao esquisito, ao diferente, e deste modo ao outro, promotor de tensão e de desestabilização, de deslizamento concernente à paz e segurança de um estado de coisas cuidadosamente erigido e fragilmente mantido.

O fantasma como persistência da imagem do passado, como a presença da memória antiga que atormenta ou acompanha. Como um ruído na experiência do tempo, oriundo da própria faculdade mnemônica. Fusão temporal, choque e encontro entre momentos e apreensões extemporâneas, temporalmente antagônicas. Isto é, ocorre uma sobreposição e uma mistura de substâncias no campo das impressões e dos espíritos, onde a absorção do presente se confunde com a do passado, que sobrevive e impregna o tecido presencial por algum motivo. E é sempre incerto porquanto é apenas resquício e reminiscência quase involuntária. A aparente descontinuidade entre o sonho e a experiência da vigília, sobretudo no que concerne ao caráter de evidência do campo da sensibilidade, me parece, também, tão frágil quanto solúvel e tênue, porosa. A tensão de superfície entre mundos e substâncias é facilmente quebrada e desafiada, limite permissivo e atravessável, repleto de vazamentos. O fantasma é a invasão do sonho na dimensão empírica e só é estranho a nós em razão do esforço absolutamente artificial e posterior de separar um plano do outro. A saber, a experiência onírica se dá em momento e em fase específicos, configura-se portanto enquanto período determinado, justamente, como tempo definido em oposição e em diferença ao outro tempo, ao outro mundo.

47.

O universo do sonho opera muito mais em função e a partir de um acúmulo de impressões e absorções registradas, de sons e imagens armazenados e, posteriormente, postos em movimento e em vida autônomos, de modo a configurar todo um mundo em si, isolado, na fase do sono, justamente quando bloqueamos os estímulos externos. O sonho ocorre a todo o tempo, porém com acentuada sutileza nos momentos em que estamos acordados, em que abrimos os canais e os buracos voltados ao exterior, uma vez que somos cápsula, também, somos caixas que engolem e transpiram. Esta fusão entre tempos a princípio e convencionalmente díspares é fenômeno particular que decide a existência dos fantasmas e dos sonhos, do tecido da imagem. O que está em jogo é menos a verdade ou a falsidade de algo do que a diferença aguda e profunda, notável, entre materiais. Isto é, um fantasma é mais coisa que pertence a um mundo de determinada ordem, do que algo mentiroso e menos presente, sua própria substância contrasta com a outra que participa do plano do concreto, e, em virtude da justaposição e da transparência das dimensões, manifesta-se como corpo estranho. O sonho é o eco do real, que é a ressonância do sono. A fantasia é a trama comum, é o próprio fundamento da experiência humana no tempo.

48.

Em suma, a postura e a posição do ser no tempo da verdade são constituídas da mesma fibra com que são os espíritos, ambos se localizam no mesmo interior viscoso e visceral, carnudo. Qualquer sensação determinada pelo impacto dos corpúsculos do real atmosférico e público, compartilhado, no ambiente interno, é inexoravelmente acompanhada pelos fantasmas e pelas imagens, pelos seres da morte. Cabe aqui, também, dissertar a respeito da oposição entre céu e subterrâneo.

Se há movimento, há desejo. Não existe deslocamento a esmo. O movimento é inerente à matéria, e a própria natureza é a matéria em ação. Tudo que é pertence a deus, tudo que existe, toda essência, participa, integra e se origina no estatuto de deus. Já em princípio, na existência, surge a distinção aguda entre o si e o outro, oposição inclusive determinante da ideia de liberdade e de deus, mesmo, de substância e dos outros conceitos fundamentais. É difícil essa operação de análise, de divisão, uma vez que me surge como tarefa árdua a de conceber uma autonomia da própria existência, de um haver em si, sem que ocorra um outro a participar deste trabalho. Aí a ideia de uma absoluta independência de criar do nada, de um vazio, como se este primeiro ser criador não fosse composto por nada, a não ser por si mesmo. Bem como a própria ideia de substância parte do pressuposto de que há uma maneira de geração imanente e intrínseca, de que a substância é implacavelmente despojada, em essência, de qualquer causa exógena, e que se autoproduz.

Fogo fátuo e ouro de tolo. Fantasma que é enganação, e a mentira, aqui, a ilusão, como premissa fundamental da experiência humana, da construção de cultura. A mágica como alicerce de todo o desenvolvimento da técnica e do artifício. Porquanto é preciso ludibriar, isto é, inserir o outro em jogo, em criação fantástica, em toda uma dimensão onírica e ideal, sobretudo, para que haja montagem cultural. É necessária a delimitação do campo da imagem, da dimensão da brincadeira onde o interior compartilhado, o domínio da luz fantasmagórica, é soberano e dita as regras, estabelece cenário. Aí um vínculo, justamente, do folclore, como forma rudimentar de cultura popular, de narrativa coletiva, com a mentira e com o faz-de-conta, com os seres mitológicos, habitantes da noite grotesca e rarefeita, gerados pelos ditados e pela produção oral, pelo boca-a-boca, telefone sem-fio, boitatá. Parece nuclear, portanto, a noção de cultura primitiva, de folclore, dessa brutalidade essencial às espécies culturais aparentemente menos sofisticadas, especialmente às anteriores à ciência, decisiva no que diz respeito à transição técnica. A saber, temas centrais são a capacidade criativa, o ímpeto de assunção de papéis, de funções dentro de um sistema lúdico, a potência de invenção, o impulso, e estes como promotores de substâncias mais focais e maiores da cultura, é dizer, a religião, a ciência, e assim por diante.

51.

Burice, loucura e feiura. A profana trindade, a tríade dos selvagens, bárbaros e hereges. Potências animalescas, estas, faculdades antagônicas à humanidade, contrárias à civilização. Pulsões, no entanto, inerentes à condição do homem, à existência do humano no mundo, inexoráveis, inescapáveis. A saber, portanto, são atributos que confrontam e fogem, ao mesmo tempo, dos ideais cristalinos e puros da consciência, de todo o sistema formal e conceitual das virtudes, do qual fazem parte a beleza, a inteligência e a sanidade, justamente. Há o medo de perder o controle e a consciência, o eixo estabilizador do sujeito apolíneo, prumo do herói, e se não isto, ao menos a estrutura do homem hábil e funcional, eficiente, útil à sociedade, ao mundo do trabalho. Qualquer entrega, com efeito, a alguma destas que podem ser consideradas pulsões de morte, vinculadas ao dionisiaco, e então a algum caráter mórbido, parece promover um arrepio visceral, um calafrio desesperado, precisamente, uma tensão promotora de deslizamento, de insegurança e, assim, de terror profundo. O sublime da caverna, o grotesco vaporoso, névoa turbulenta.

52.

Pescoçudos sentinelas, vigilantes e guardiões de algum lugar, de um portal, da passagem, maquiados e enfeitados, palhaços esquisitos, gangue dos bobos, estruturados em tijolo e argamassa, cabeças de barro pintado. Os quatro escatológicos, e aí são ásperos e rijos, volumosos e compridos, malfeitos. Permitem ou bloqueiam a travessia, juízes. Presos e petrificados no limiar, grosseiramente cristalizados na tensão entre corpo e imagem. Horizonte de eventos, ponto de não-retorno. Questão do observador. Múmia e casulo. O estatuto da cabeça. Imperecibilidade e despojamento do ciclo da vida, do natural. Tudo é campo ideal. O céu e a terra, o mar e o magma. O vácuo do espaço. Sopa de letrinhas.

Épico patético. O rosto como unidade substantiva da representação, como depósito farto das cargas anteriores mais inapreensíveis, como matéria essencial do subterfúgio da aproximação, tal como de puro poder recôndito. Fala-se na vontade reprodutiva, origem da vida, fertilidade deletéria. Tensão entre selvagem e cultural e aí a associação intrínseca e fundamental entre a vida e a morte, o elo mediador das vontades multiplicadoras e destruidoras. Trabalhar as ambivalências e os paradoxos. Isto é, o ser que gera é o mesmo que mata, terra fecunda e insalubre. Neste sentido, também explora-se as configurações do sublime, bem como uma fusão deste com o grotesco, e portanto caricatura do imponderável. Faz-se assim de modo a aproximar o distante grandioso e vaporoso à dimensão humana e menor, tátil e mobilizadora de riso, até. Não só uma diminuição qualitativa, encurtadora de lonjura, mas também fusão estética, articulação entre potências do espírito. Os silvos e as florescências, tudo de verdejante e símbolo daquilo que é fértil será inextricavelmente acompanhado dos vermes e cadáveres em decomposição e dos dentes carnívoros e afiados, da putrefação e das doenças. A mão que bate é a mesma que afaga. E a contradição é aí bela, vejo, já que a ordem só manifesta-se do caos, a destruição é prolífica. Então os contrastes e analogias. Proliferação e multiplicação das coisas como sistema primordial, mesmo, do mundo, e as falhas e imperfeições que fundamentam, também, os processos reprodutivos. Há de se falar da comunicação como o espírito de tudo, do universo, como a cola e o alicerce de tudo que existe. Comunicação num sentido primitivo, mesmo, de pura e livre associação entre formas, de movimento de matéria em relação à matéria, e das diferenças e semelhanças que surgem nesses encontros, e daí as aglomerações e os choques, os acúmulos e subtrações. Me parece inevitável interpretar a dinâmica e o trabalho do real sob viés dual, concentrado em oposições polares, embora de fato também seja possível observar o espectro de variedades e de fugas e nuances nesse sistema de tensões. Há céu e inferno e as criações da terra são produtos imperfeitos das composições celestiais, dos códigos ideais. Difícil também é escapar à metafísica, tão gostosa e misteriosa e estimulante, carregada dos prazeres obscuros. Muitas destas elucubrações surgem retroativamente a partir da experiência humana, dos instintos. Então, se imagina-se um deus ou a origem de determinadas coisas, traçam-se analogias que começam nos desejos e impulsos que observamos em nós mesmos e nos outros, nos próprios movimentos da cultura, bem como nos da natureza, abstrações estas tão entretecidas e componentes da dialética das mais sublimes. Imagino que já seja consensual a articulação entre ares e eros, o marcial e o erótico, o bélico e o sexual. A linha do horizonte como o

encontro entre céu e terra e água, como metáfora ou demonstração da tensão de superfície. Se por um lado há a caverna e tudo que orbita o conceito de espaço fechado e interno, protegido, do mundo de dentro, há também a abertura do campo e a exposição aos céus, aos vapores atmosféricos e à luz dos astros.

54.

Fábrica de homúnculos e máquina tradutora fúnebre. Mãos mecânicas que modelarão o barro. Algum tipo de matéria-prima fornecerá a energia para o movimento desses autômatos produtores dos bonecos prometeicos. Haverá o combustível e a massa a ser trabalhada. Existirão duas maneiras distintas de realização dos projetos: uma em que toda a operação ocorre de fato, a saber, em que os processos físicos em questão são reais, objetivos e diretos. O corpo queima, a fumaça gera fluxo e movimento que movimentam os aparelhos produtores e emissores, a boca e as mãos. Trata-se portanto de sistema, de fato. O segundo modo consiste na representação desses labores, na dissimulação do que acontece, na ilusão, então, de que as coisas funcionam tal como parecem. Será muito mais discussão do campo da imagem, assim, bem como o enxadrista turco, autômato enganador, cujo mecanismo fundamental não é revelado e, mais ainda, é maquiado, sua superfície não corresponde à substância elaboradora. Parece mas não é. Esse último formato seja talvez o mais interessante conceitualmente e também o mais facilmente realizável, embora o primeiro guarde consigo desafio importante e pesquisa material relevante. A massa fornecedora de energia inicial será o corpo em decomposição, em duas instâncias diferentes, na biológica, por fungos e bactérias, e na ritualística, digamos assim, por cremação. Desta maneira, serão portanto posicionadas no circuito duas televisões, duas telas, em cujas extensões estarão representados ambos os processos fúnebres. Nestes aparelhos estarão conectados dutos, que em tese e a princípio serão condutores da fumaça e dos resultados da desagregação dos cadáveres, ligados posteriormente aos estágios emissores e manipuladores da matéria secundária. Serão estes reproduções de órgãos biológicos, humanos. Bocas e mãos. A boca emitirá som e a mão modelará o barro ou o gesso. Pode ser também alguma espécie de linha de montagem, fabril, mesmo, onde os pequenos humanóides serão criados mediante o depósito de algum tipo de silicone ou resina sobre moldes. A representação da boca estará sobre caixa de som e as mãos serão robóticas, de fato. Pensarei portanto na programação.

55.

Dando continuidade à ideia do autômato turco, que opera na chave do ilusionismo, uma forma útil de resolver o problema da mão biônica é justamente substituí-la por uma mão real que se assemelhe a uma robótica. O robô será portanto um humano que finge. Me colocarei dentro de uma caixa branca, embutida na parede da sala, com dois furos que permitirão a passagem de minhas mãos. Moverei-as à maneira inorgânica e as travestirei com atributos mecatrônicos. Gosto do paradoxo: o robô é feito à semelhança do homem, e aqui o homem se transfigura no robô. Sob as mãos que saem da parede haverá uma bancada de madeira maciça, própria das oficinas, sobre a qual estarão distribuídos montes de argila. As mãos, então, começarão a manipular o material e a modelar a partir deste os homúnculos, miniaturas humanóides, que serão colocados em fileiras sobre a mesa.

56.

Caricatura do imponderável, encontro entre sublime e grotesco. A condição humana é inevitavelmente ambivalente, o paradoxo é inescapável e implacável. Não subtrair-se à metafísica, o mistério é mobilizador e gracioso, gerador do prazer que fulgura no obscuro. Que persista a manutenção dos segredos - a serem explorados, sim, e desenvolvidos, processados, mas que cada subsequente resolução desses nódulos nos ofereça novos enigmas a decifrar, que cada revelação renove e atualize as matérias ocultas e fantasmagóricas, de modo que a substância pulsante e recôndita continue a energizar a experiência do ser no tempo, cristalizado em contradição. Interessam, aqui, as lacunas e os territórios inalcançáveis ao conhecimento, a saber, as áreas escondidas e os grandes mistérios gerais, promotores dos mitos, as dimensões irrastráveis, pré-históricas e ultra-distantes, o mais remoto passado, a mais profunda zona do espírito, o lapso que alimenta o jogo e a mágica, os campos da ilusão e da abstração. Pois, justamente, o vazio abastece a abstração, é precisamente em virtude do espaço vago que a faculdade da fantasia se manifesta.